

Editorial para Roberto Capuano - de Chris Rocha

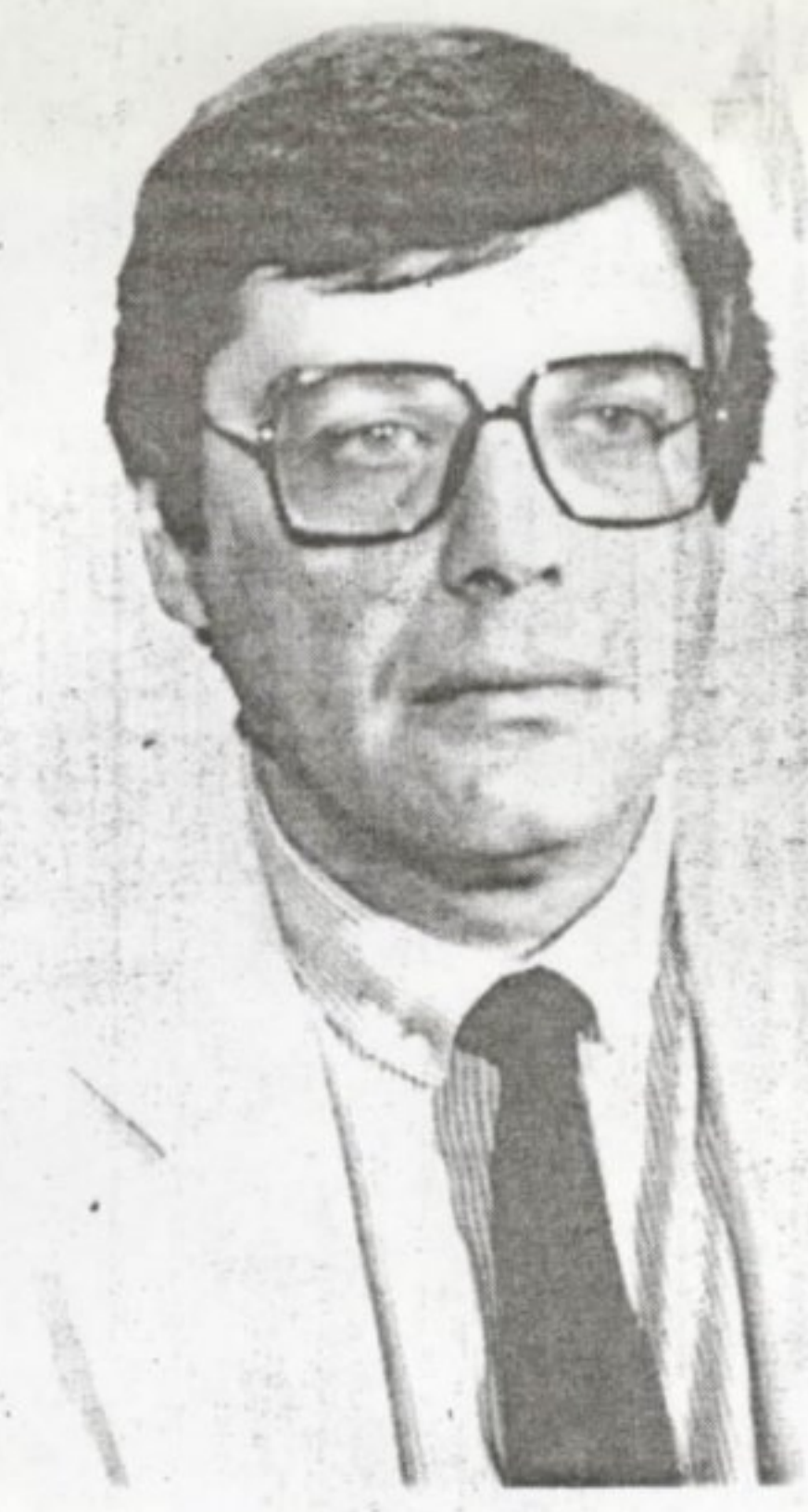
# Reagir à crise, nossa missão

A sensação de desamparo e insegurança cresce a cada dia dentro de nós. Vivemos um clima que já não é nem mais o do império da lei do mais forte, mas o do mais desonesto, do mais esperto. O cidadão comum está a cada dia mais desprotegido. Nas grandes cidades, hoje, há um verdadeiro exército paramilitar formado por guardas de segurança, indispensáveis para se tentar dormir tranqüilo. Mas só os que podem pagar usufruem desta tênue proteção.

Chegou-se a um tal ponto, em termos de segurança, que o assaltado, violentado ou agredido nem sequer presta queixa, temendo represálias, evitando também perder tempo e dinheiro, pois a exemplo dos 60 mil mandados de prisão não cumpridos, sabe que há os presidiários de alta periculosidade soltos por falta de espaço. O sistema policial é mal remunerado e mal-equipado. A indisciplina e a impunibilidade no trânsito transformam ruas e estradas em palco para verdadeiros assassinatos. As filas duplas e triplas se disseminam, o estacionamento irregular atravanca o trânsito. Nas rodovias, o acostamento serve como pista de alta velocidade. E nada acontece.

Maus comerciantes e maus fabricantes, de todos os níveis e tamanhos aproveitam-se deste clima generalizado de irresponsabilidade para desrespeitar prazos de entrega, vender produtos com defeito ou deteriorados, que vão desde o automóvel até simples bandejas de frutas em supermercados, nas quais sempre encontramos uma estragada e pagamos sem reclamar. Cada um de nós tem exemplos de situações como estas para contar. Sabemos todos também que, declaradamente, políticos negociam um mandato presidencial em troca de cargos e benefícios. Sistemáticamente, graves denúncias de corrupção em todas as áreas são anunciadas, os cofres públicos são assaltados por criminosos de colarinho branco e quando seus feitos ganham as manchetes, prometem-se "rigorosos inquéritos". E nada acontece.

Está cada vez mais difícil explicar a nossos filhos as vantagens da honestidade, da honra e da dignidade. Os meios de comunicação de massa mostram claramente que o mocinho só ganha nos seriados de televisão. Importados. Nos nacionais, inclusive nas novelas, vez por outra também perde. A mesma televisão que exhibe diariamente corruptos virando heróis, mostra que



a contravenção, como por exemplo a do dinheiro estrangeiro no paralelo e no jogo do bicho, tem cotações diárias e seus operadores são figuras que merecem tratamento diferenciado. Claro está que a contravenção deixou de ser crime. Como deixou de ser importante ter palavra, pagar em dia, respeitar a lei, ser competente.

Vale mais um padrinho bem colocado e influente que um belo currículo. É difícil explicar às crianças essa nova teoria da relatividade. Honestidade é relativa, a lei é relativa, a honra e a dignidade são relativas, a competência e a credibilidade também. Um grande País e pequenos líderes. Levaremos muitos anos para consertar isso, se conseguirmos. Não podemos esquecer que as classes alta e média ainda têm meios de influência para defender-se, mas isto é literalmente impossível para a população de menor renda, que vai convivendo com as injustiças, acostumando-se a elas e, por fim, aceitando-as e praticando-as.

Nossa economia vertical, onde o rico é cada vez mais rico e o pobre cada vez mais pobre, só vai intensificar a nossa aguda crise de lideranças. Hoje, significativamente, o acesso a cursos superiores só é possível às camadas de

maior renda e é notória a deterioração do ensino público, com educadores mal pagos e desestimulados. A curto prazo, no Brasil, teremos um sistema de castas mais definido que o da Índia. As classes de menor renda estarão condenadas a patamares culturais cada vez mais baixos. As classes mais favorecidas serão as únicas fornecedoras de novas lideranças. Alguns líderes surgirão via sindicatos ou associações, mas incultos e despreparados para competir com o poder econômico e a corrupção.

Trilhamos um caminho extremamente perigoso. A deterioração moral e política jamais ficou impune ao longo da História e sempre serviu como caldo de cultura para revoltas populares. Sempre encontraremos organizações que irão se aproveitar desta situação para forçar transformações sociais e políticas radicais e indesejáveis. A grande maioria da população é formada por homens de bem, desanimados, entretanto, com o mau exemplo generalizado.

Antes da desagregação total é preciso que esses homens reajam, unam-se, denunciem, pressionem, organizem-se. Se não o fizerem, omitindo-se de seus deveres, serão responsabilizados pelo caos por gerações futuras. Esse mesmo imperativo de mobilização aplica-se ao âmbito restrito da nossa categoria profissional, e é indispensável para que ela não venha a ser contaminada pelo vírus fatal da lassidão moral, da corrupção, da degradação de valores como a solidariedade, a competência, a honradez, a coragem.

Como falsos profetas, os falsos líderes, que têm os pés metidos na lama, inevitavelmente surgem no cenário da representação classista, na hora da disputa pelo exercício da liderança, apregoando mundos e fundos e se propondo a realizar milagres. Destroem tudo que lhes antecede, pousam de iluminados e incorruptíveis soldados da causa, blasfemam contra tudo e todos, mentem e provocam intrigas. Mas têm a consciência comprometida, a alma escurecida pelo que fizeram no passado e, repetimos, os pés na lama. Contra eles, precisamos estar em guarda, em vigília permanente, imunes às suas mentiras e dispostos, sempre, a enfrentá-los com a verdade. Afinal, se não continuarmos devotos praticantes da moralidade, da dignidade, da competência e da solidariedade, não poderemos cobrá-las de outrem.

de - 1988